

A DOULA DA MORTE E O CRIMINOSO

Renata Soltanovitch

São Paulo – agosto/2026

3ª edição

Nota da autora

Este conto foi originalmente escrito em janeiro/2021 e publicado em uma plataforma exclusiva para leitores assinantes.

Nesta nova edição, optei por disponibilizá-lo gratuitamente em meu site, por puro entretenimento.

Boa leitura!

CAPÍTULO I

Era um dia da semana qualquer, enquanto a equipe de polícia estava de folga...

Bem, folga era algo que eles não levavam muito a sério. Sempre havia alguma investigação em andamento que merecia a reunião de equipe, ainda que fora da delegacia.

A delegada Raquel chegou de forma discreta, calça jeans, blazer preto e camiseta branca.

Ah, claro, sempre armada. Na bolsa? Óbvio que não! Em seu corpo. Aliás, não era somente uma arma que ela carregava.

– Boa tarde – disse ao encontrar o seu colega Paul, que estava descendo de uma charmosa lambreta azul. – O que faz de lambreta?

– Minha mais nova aquisição!

– E o Del Rey?

– Vendi e comprei a lambreta. E só de vez em quando. Continuo andando com meu carro blindado.

– Carro blindado para delegado é o fim da picada, como diria minha saudosa mãe – disse Raquel. – Adoro quando bandido vem tentar me assaltar no farol ou tentar quebrar meu vidro para pegar celular ou bolsa. É um tiro certo, bem no meio da testa do vagabundo!

– Eu sei, Raquel. Conheço sua fama! Aliás, não só eu como a Corregedoria e a Comissão de Direitos Humanos. Ah, e aquele padre também...

– Faz parte. Sou delegada. Bandido que vem brincar de assaltar mulher, vai morrer. Para mim, não tem conversa. Por isto que me estranhou você de lambreta. Tá a fim de pegar bandido hoje, coleguinha?

– Engraçadinha! Vamos tomar o nosso café e conversar sobre novas estratégias de trabalho.

Aproveitavam que era outra a equipe que estava de plantão na delegacia para então se reunirem na cafeteria mais badalada da cidade. Sua fama decorria do comando pelos padres jesuítas.

Eles não só elaboravam todos os bolos e doces, como também serviam as mesas vestidos a caráter. Ao fundo, os cantos gregorianos, que completavam a alma de qualquer pessoa. Dá uma sensação de companhia.

Alias, leitor, já ouviu músicas gregorianas?

Dê uma pausa na leitura e procure no Google...

CAPÍTULO NOVO

Só para pausar o capítulo e remeter o leitor de volta à leitura...

O café era plantado, colhido, torrado e moído lá mesmo, no convento onde os jesuítas moravam, bem ao lado da cafeteria. Uma especiaria à parte.

Qualquer dia da semana já era lotado e no final de semana, então, só reservando mesas com dias de antecedência.

O arrecadado ali servia não só para manter o local, que era belíssimo, mas também para imprimir e entregar para os visitantes os ensinamentos de Cristo que eram distribuídos juntos com as xícaras de café, além de sustentar os demais jesuítas que se encontravam enclausurados no convento. Muitos já idosos, precisando de cuidados especiais.

A cafeteria era mais do que oferecer experiências ao cliente, e sim uma missão espiritual de divulgar os ensinamentos de Cristo. Tanto que as imagens dos santos estavam espalhadas por todo o local e o caixa, sim, onde se pagava a conta, parecia um altar.

A mesa onde ficava a registradora estava sempre forrada com um pano branco, velas em cada canto, a Bíblia aberta e, na parede, o Cristo sacrificado.

A decoração, feita com muito esmero, muita claridade, muitas velas, muita luz. O objetivo era que os clientes se sentissem iluminados, elevados.

Os vitrais, que dariam, em tese, para o mosteiro, eram todos desenhados, evitando que os curiosos visitantes tivessem acesso ao que acontecia no pátio do convento. Entretanto, os jesuítas que passeavam em seu pátio

tinham noção clara do que acontecia dentro da cafeteria, qual era o movimento e quem eram os seus visitantes.

Os jesuítas sempre tinham uma palavra de conforto aos seus visitantes. Muitos clientes, inclusive, iam apenas para comprar um pedaço de bolo e olhar aqueles escolhidos que tinham sempre um sorriso natural e acolhedor no rosto.

O lugar, no passado, era cercado por muros altos e somente de helicóptero se poderia ver o seu interior.

De fato, os muros altos ainda cercavam o lugar. Porém, o que os jesuítas fizeram foi destruir parte pequena do muro para, então, o consumidor ter acesso só àquilo que eles criaram, que era a cafeteria.

Esqueci de dizer ao leitor, mas, junto à cafeteria, havia uma livraria, também administrada pelos jesuítas.

Sim, meu amigo leitor, eu adoro uma livraria!!!!

Como descrevi ao leitor inicialmente, os vitrais desenhados evitavam que os curiosos olhassem o que acontecia no pátio do convento, embora o contrário não fosse verdadeiro.

O acesso à cozinha se fazia por um longo corredor, feito de pedra, com escritos em latim, dando a sensação de que se tratavam de tumbas do passado ou apenas o nome daqueles que, há muito, não mais frequentam o mundo terreno, pelo menos de corpo vivo.

O chão quadriculado de preto em branco de mármore carrara dava a sensação de ser uma cripta. Isto causava a impressão de que poderia ter jesuítas ali enterrados.

E na verdade, sim, os jesuítas ali estavam enterrados!

O lugar transbordava tranquilidade e paz. Pelo menos até aquela tarde.

CAPÍTULO SEGUINTE

Paul desta vez deixou seu carro blindado em casa e foi de lambreta.

Ele adorava veículos blindados para preservar sua segurança como delegado, porém, em alguns momentos se dava ao luxo de usar seus meios de locomoção preferidos.

Hoje foi a vez da lambreta azul clarinha. Um charme.

Encontrou a delegada Raquel na porta e, quando ambos entraram, Antonio já os esperava, pois havia reservado a mesa há alguns dias.

– Puta que pariu, Antonio – disse o delegado Paul. – Você, com esta barbicha, está a cara do bruxo do Cosme Velho. Achei que estivesse vendo um espírito!

A delegada Raquel confirmou:

– Antonio, você está a cópia dele.

– Antonio sorriu e disse: “Eu não sou homem que recuse elogios. Amo-os; eles fazem bem à alma e até ao corpo. As melhores digestões da minha vida são as dos jantares em que sou brindado.” – citando Machado de Assis, o bruxo do Cosme Velho.

CAPÍTULO AGORA IV

– Cadê as meninas? – perguntou a delegada Raquel.

– Elas já estão a caminho. A investigadora Bia iria passar para pegar a Samantha em casa – disse Antonio. – De qualquer forma, já vale a pena pedir um café. Tenho certeza que, quando elas chegarem, vocês irão querer apreciar mais um outro expresso com pedaço de bolo de canela.

Mas, mal o café e o pedaço de bolo de canela com mel feito pelo jesuíta mais simpático do local tinham sido postos à mesa, ouviu-se um tiro no 2º andar da cafeteria.

Silêncio logo no primeiro estopim e a delegada Raquel, que, mesmo de folga, não saía sem sua pistola Glock 9 mm, já subiu as escadarias de pedra em formato de caracol, acompanhada do delegado Paul e das investigadoras, que chegaram no exato momento em que o primeiro tiro foi disparado.

CAPÍTULO V

Antonio era o único sem armas. Ele apenas lia a morte, inclusive passou a ajudar a equipe de polícia ao visitar as cenas de crime, pois conseguia até mesmo, muitas vezes, entender o que precedia a morte, pela postura do morto.

Mas não precisavam subir nem mesmos os 7 primeiros degraus, quando o corpo do morto passou a escorregar escada abaixo.

– Caralho, que porra é esta? – gritou o delegado Paul.

– Antonio, fique com o corpo e não deixe ninguém chegar perto – disse a delegada Raquel.

– Bia – determinou a delegada Raquel –, acione nossos amigos da polícia civil para ajudar na preservação do cadáver. Vou subir para saber se o assassino ainda está lá em cima ou se conseguiu pular a janela.

Subindo com toda a cautela, tentando se esconder no pilar, observou que, na parede próxima à janela, havia muito sangue escorrendo, como se outro corpo ali tivesse passado.

A delegada Raquel deu um sinal para Paul olhar para o chão. Os clientes estavam todos ali deitados e dois bandidos estavam apontando as armas para eles.

Não bastaram alguns segundos, quando as sirenes das viaturas já cercavam o lugar. Paul já imaginou o estresse que seria para tirar todos dali.

Foi tudo muito rápido. Começaram as negociações.

Os clientes que estavam no térreo foram todos liberados junto com os jesuítas.

Mas aqueles jesuítas que estavam no andar de cima, com os demais clientes, estavam muito nervosos, pois o morto era um padre muito importante e eles imaginavam como aquilo afetaria a manutenção da cafeteria.

Aliás, eles estavam adorando os holofotes que a cafeteria estava produzindo na mídia, graças ao padre que acabava de morrer com um tiro no peito.

E nem era só por dinheiro... só por dinheiro não... havia um propósito acima disto.

CAPÍTULO VI

As negociações se iniciaram e aos poucos os clientes foram sendo liberados, pois os jesuítas se colocaram como seus substitutos, o que agradou a ambos os bandidos.

Nesta altura do campeonato, a delegada Raquel já havia descido junto com as investigadoras e os clientes, ficando o delegado Paul refém junto com os jesuítas.

Antonio já havia levado o padre morto com o rabecão.

No meio de tanta confusão, Geraldo, o bandido mais nervoso, deu um tiro para acertar o delegado Paul, que estava ali para tentar intermediar a liberação dos jesuítas, a qual o bandido Luis havia aceitado, querendo se entregar.

Entretanto, como Luis se postou na frente do delegado na tentativa de salvá-lo, acabou também sendo alvejado pelo seu companheiro de jornada criminal.

Nem preciso dizer. A elite da polícia deu um tiro certo em Geraldo. O bandido morreu na hora.

No frígir dos ovos, entre mortos (Geraldo) e feridos (Luis e o delegado Paul), os jesuítas se salvaram, exceto o Padre Beto, que há muito havia sido morto, logo no início deste conto.

E, agora, começava a luta pela vida de Luis e do delegado Paul, que, dada a urgência, foram na mesma ambulância, para o mesmo hospital público, para serem tratados pelos mesmos médicos.

Porém, ninguém sabia que Luis tentou salvar a vida do delegado Paul.

CAPÍTULO VII

O morto, quer dizer, o Padre Beto tinha um grande defeito.

Era narcisista e esta sua postura gerou uma manifestação de outros jesuítas invejosos.

Com Geraldo morto e Luis em estado grave, ficaria difícil descobrir quem mandou matar o Padre Beto ou, então, se tratava de uma tentativa de assalto.

– Duvido, chefe – disse a delegada Raquel ao delegado Dr. Abraão.

– De que foi assalto?

– Exato, chefe. Eles estavam no andar de cima e o caixa fica no andar de baixo. Mesmo se tivesse um cofre no 2º andar, o que duvido, ele não seria aberto assim, na frente dos clientes.

Isto precisa ser apurado com mais rigor. Concorda, chefe?

– Você tem carta branca, Dra. Raquel. Faça o que deve ser feito.

– Agora é esperar o ritual fúnebre do padre, o luto dos jesuítas e depois começar o interrogatório – disse Raquel.

– Faça o que deve ser feito, Raquel – replicou o chefe Abraão.

CAPÍTULO VIII

O ritual fúnebre foi muito estranho.

Após a liberação do corpo pelo IML, a cerimônia foi privativa para os jesuítas e a delegada Raquel não foi autorizada a assistir.

Mas, como uma delegada insistente e perspicaz, pediu autorização judicial para assistir. Não por curiosidade, mas porque Antonio a alertou:

– Dra. Raquel, estes jesuítas têm atualmente como cultura não o velório e o enterro do corpo, e sim queimá-lo no pátio do convento onde moram.

No passado, até eram enterrados, mas muitas revelações ocorrerem e agora eles decidiram queimar o corpo com todos os pertences pessoais do morto, entre eles sua agenda pessoal e seu caderno de estudos.

Isto acendeu a luzinha amarela de intuição da delegada, pois poderiam queimar provas e, sendo assim, decidiu ir com urgência, junto com Antonio e as investigadoras Bia e Samantha, ao convento.

Raquel pediu autorização judicial através de um simples requerimento e ligou para a juíza, sua amiga, que, por coincidência, recebeu o requerimento.

– Dra. Ivana, bom dia. Delegada Raquel do DHPP falando. Acabei de lhe enviar um requerimento.

– Bom dia, Delegada. Acabei de receber. Já li e deferi o pedido. A autorização está estendida à senhora e sua equipe, pois, como sabe, nestes casos, nunca é bom ir sozinha.

– Com certeza, Dra. Ivana. Nunca iremos para uma batalha sem saber o que está contra nós!

CAPÍTULO IX

Quando a equipe chegou ao convento, o corpo já estava vestido com a mortalha branca, em cima das madeiras, já pegando fogo. Junto ao seu corpo, folhas de papel almaço, cadernos, agendas e pastas estavam sendo queimados, como se uma queima de arquivos estivesse sendo providenciada.

Dra. Raquel imediatamente ordenou que a equipe entrasse no convento, interrompendo o ritual religioso dos jesuítas, com o objetivo de arrecadar todos os papéis que estavam sendo queimados junto com o corpo.

Depois do empurra-empurra entre a equipe e os jesuítas, as investigadoras Bia e Samantha, com extintores de incêndio em mãos, apagaram o fogo. O corpo, que estava bem carbonizado, exibia, embaixo da mortalha, mais alguns outros documentos, quase que intactos.

CAPÍTULO X

Enquanto isso, o tal Luis, o bandido ao leitor distraído, precisava de um novo fígado, pois, com o tiro que seu companheiro lhe desferiu, com o objetivo de acertar o delegado – como de fato um dos tiros o acertou –, o órgão estava imprestável e, sem o fígado, Luis estaria fadado à morte.

Do jeito que estava, restavam a Luis poucas semanas de vida, se o novo órgão não lhe chegasse a tempo.

Mas o delegado Paul era um doador universal, conforme constava em sua carteira funcional, e ele estava considerado, ou melhor, clinicamente morto.

É que, na hora do tiro em que Luis se posicionou na frente do delegado, este, por instinto, se abaixou e postou a mão na frente e o tiro lhe acertou o baço, lhe causando uma hemorragia. Os médicos estavam aguardando a família do delegado para autorizar que se desligassem os aparelhos e houvesse a consequente doação de órgãos.

CAPÍTULO XI

Na verdade, Luis não era bandido. Apenas estava acompanhando Geraldo em um café. Armado, é verdade. Não sabia ao certo o que estava acontecendo quando tudo se deu.

– É o tal de “Dize-me com quem andas que eu te direi com quem serás preso”, como já dito por uma aspirante a escritora, em um de seus contos – disse Antonio, em voz alta, em seus pensamentos, quando foi visitar Paul no nosocômio.

Na verdade, Antonio gostava muito desta escritora.

No hospital, Luis já estava entubado quando foi levado junto com o delegado Paul e não teve tempo de dar sua versão, até que todos acreditassem em um fato construído e, portanto, quando acordou, se viu algemado na cama do hospital, sem poder contar o que, de fato, aconteceu, já que a mídia já havia construído a dela, como sempre.

Seu nome e seu rosto estavam em todos os jornais como bandido e ninguém apontou que ele só tomou o tiro porque tentou salvar o delegado Paul – embora não tivesse adiantado muito!

E Luis estava morrendo. Sem um fígado, seus próximos dias seriam fatais. Parte teria sido extraída, mas a outra estava com um tumor, do qual nem ele sabia.

O jeito era receber um fígado novo.

E, até que isso acontecesse - se acontecer, pois Luis era considerado um bandido -, ele estava entregue à própria sorte.

E assim o hospital lhe ofereceu uma doula da morte.

Uma companhia para que lhe desse apoio emocional, ajudando-o a resolver pendências, inclusive provar sua inocência e decidir a respeito do momento da sua própria morte.

Provar sua inocência ou confessar, ou melhor, direcionar as investigações, pois a delegada não descartava a possibilidade de se tratar de segredos envolvendo o tal padre jesuíta.

CAPÍTULO XII

O hospital ofereceu ao Luis uma doula da morte, até para se organizar.

Era uma conversa difícil. A única e pequena chance era de uma doação de fígado. E, embora sua situação fosse de urgência em razão de sua condição de saúde, supostamente considerado acusado de um crime, não deram um olhar cuidadoso para ele.

Mas Luis aceitava seu desígnio.

Ele sabia que Geraldo não prestava, mas também quis tirar proveito da situação. Só não imaginou que ele estivesse pronto para matar, como fez com o Padre Beto.

– Usei muito mal meu livre-arbítrio – falou em voz alta.

– Por quê? – perguntou a doula da morte, chegando ao quarto de Luis para se apresentar, em companhia da médica.

– Luis – disse a médica Bárbara –, esta aqui é Bruna, a doula oferecida pelo hospital para lhe auxiliar. Sua família virá nos próximos dias?

– Não, doutora Bárbara. Eu já estava separado da minha esposa, pois eu a agredi em uma destas brigas e minha filha, bem, eu nunca tive um bom relacionamento com ela e, quando dei uma surra em minha esposa porque ela me traiu, minha filha nunca mais falou comigo. Portanto, fiquei só.

– Também não tenho irmãos e meus amigos, bem, o único amigo, se é que poderia chamar de amigo, era Geraldo.

E Luis continuou:

– Não deixei Deus se revelar no meu mundo. Minha vida foi levada no tanto faz. Não honrei minha existência.

– Por quê? – perguntou a doula Bruna.

– Não pratiquei nenhuma generosidade. Fiquei entorpecido pela inércia. Não criei discípulos e muito menos deixei um legado de que me orgulhasse.

Embora tivesse chance, não ajudei ninguém, nem minha filha quando precisou de mim, mesmo antes da tal agressão à minha mulher, quer dizer, ex.

Não me relacionei com meus vizinhos. Não fiz questão de cultivar amigos. O único que apareceu foi Geraldo e eu me deixei levar. Interessado em ganhar dinheiro fácil.

– E como você conheceu Geraldo? – perguntou a doula Bruna.

– Foi em uma procissão.

– Procissão?

– Sim, doutora. Teve uma época que, para baixar meu custo de vida, fui morar no interior de São Paulo na tentativa de, mesmo ganhando pouco, levar uma vida mais simples.

Vivia de bar em bar, trabalhando como balconista e, no mês da padroeira da cidade, teve uma procissão e conheci Geraldo, que adorava uma pinga.

O mais estranho é que ele estava com uma coroa na cabeça, pois acabara de fazer um sacrifício em um pátio, matando um corvo para oferecer aos deuses.

– Que tipo de sacrifício?

– Bem – disse Luis –, seu maior objetivo era não ficar velho e, pensando bem, realmente conseguiu. Morreu antes de completar 60 anos.

– Não entendi, qual o medo de ficar velho? – perguntou a doula.

– O problema não é a velhice, e sim percorrer este longo caminho em uma estrada cheia de dificuldades. Em determinada idade, os filhos

querem viver sua própria vida e têm que ficar limitados por conta dos pais, que, muitas vezes, não querem ir para um asilo junto com pessoas de sua idade para conversar.

Ficam limitando seus filhos com conversas que não guardam relação com bem-estar, ao contrário, não podem mais ter prazer em uma série de comidas, seus movimentos estão restritos, já não há mais mocidade... a vida já não é mais vida a ser desfrutada.

– Concordo, mas há uma certa liberdade na velhice. Se não há mais satisfação nas paixões, livram-se destes déspotas selvagens e passam a viver com maior desprendimento.

– Pode ser, doutora Bruna, mas desde que lhe reste a fortuna. Não precisa ser muita, mas o suficiente para lhe sustentar em um lugar que lhe dê tranquilidade, sem depender dos filhos para pagar-lhe as contas ou até mesmo visitar por obrigação.

Mas são raros os idosos que pensam desta forma.

Querem os filhos ao seu lado como retribuição ao que foi feito por eles.

Não dão a eles a liberdade e fazem com que se sintam culpados caso não assumam a responsabilidade de cuidar de um pai doente. Tudo vira um círculo vicioso e causa muito estresse em todas as partes envolvidas.

Sabe, doutora, ser pai e mãe é muito sério. Se fosse passar por um teste psicológico, a grande maioria não poderia ter tido filhos. É que a sociedade impõe, a estes casais, a necessidade de se ter filhos e depois, bom, a história se repete... pode perceber: se têm filhos sem a menor acuidade psicológica.

– Nossa, Luis, entendo pelo fato de você estar tão amargo! – disse a doula.

– Amargo? Doutora, as pessoas são tão hipócritas!

CAPÍTULO XIII

– Chefe Abraão, é Norberto quem fala. O senhor está na delegacia? Posso ir até aí?

– Pode sim. Estou em reunião com a delegada Raquel e sua equipe.

– Ótimo. Preciso falar com eles também.

Chegando à delegacia, Norberto, na companhia de Antonio, se acomodaram em uma cadeira, mas não levou nem 10 minutos e a investigadora Bia já os chamou para se dirigirem à sala do delegado-chefe Abraão.

– O que era tão importante que não poderia ser dito por telefone? – perguntou o chefe Abraão ao perito Norberto.

– Na verdade, Doutor, o Padre Beto não morreu pelo tiro que levou, e sim por cicuta.

- Caramba!!! – levantou a delegada Raquel, que estava sentada em uma cadeira confortável que ela mesma comprou, com seu próprio dinheiro, pois o que era oferecido pela Secretaria de Segurança Pública... misericórdia!!!!

– Cicuta? Mas pura ou havia mais alguma substância em seu organismo? – perguntou o chefe Abraão.

– Puríssima – disse Norberto.

– A dose era tão potente que derrubaria até um elefante! – completou Antonio. – E, mesmo se tivesse misturada em alguma bebida, ele sentiria no primeiro gole ou até no cheiro. Isto é, pela quantidade que estava em seu estômago, arrisco a dizer que ele mesmo se envenenou.

Tratamos de um suicídio!

Conhecendo Antonio e sua habilidade com mortos, não tinha como se duvidar dessa possibilidade.

– Será que tudo não passou de uma armação? – filosofou a delegada Raquel.

– Como assim? – perguntou o perito Norberto.

– Se a quantidade de cicuta era cavalgar e se ele tivesse bebido de livre e espontânea vontade, por que então o tiro? Quem sabe ele não contratou Geraldo para matá-lo?

E finalizou a delegada Raquel:

– Chefe, não seria interessante verificar as finanças da cafeteria? O Padre Beto era o garoto-propaganda do lugar e era um dos responsáveis pelas finanças, vai que...

CAPÍTULO XIV

Este conto já está ficando longo demais!!!! Mas vamos lá... seria interessante verificar as finanças da cafeteria. Era mais prudente!

– Bom, mas não temos nada a ver com isto, não é mesmo, chefe? – perguntou Norberto.

– Numa primeira vista, até poderia não ter, mas temos uma morte a investigar e um delegado da equipe, meu Deus, não gosto nem de pensar!

E já estou sendo cobrado. Sabe como é: além de padre, era famoso e amigo do amigo do governador.

– É uma merda isto! Estas cobranças porque era amigo do amigo do amigo. Enfim... depois de morto, o que deveríamos ser, todos iguais, também não funciona nem na hora de apurar o crime.

Para mim, morto é morto.

Faço a perícia sem olhar o cargo ou o nome do morto. Todos merecem meu respeito.

– Sei disso, perito Norberto!

– E mais – concluiu Norberto –, temos um policial entre a vida e a morte e o que mais me impressiona é que a mídia sequer fala disso! Não se dá valor ao policial. O delegado Paul só estava ali porque estava negociando a liberação de outras vidas e a sua... bem... está ... – e o perito Norberto chorou!

CAPÍTULO XV

Na cafeteria, havia uma passagem secreta que ligava o caixa a um cofre, dentro do convento. Eram poucos os jesuítas que sabiam disso.

Para disfarçar, os jesuítas, como circulavam com muita rapidez e muitos deles eram escalados para trabalhar na cafeteria em regime de plantão, saíam da cafeteria para entrar no convento por uma passagem tradicional.

Como disse, somente alguns conheciam algumas passagens secretas que ligavam os dois lugares, e uma destas passagens era do caixa ao cofre.

O convento parecia um forte. Aliás, dada a sua idade, poderia até ter sido construído para tal fim.

A delegada Raquel, que sempre andava de calça e salto alto, independentemente da ocorrência ou do bandido que iria perseguir, pegou seu sapato e começou a bater em todas as paredes, até que foi alertada por um dos jesuítas que estavam acompanhando a diligência, quando ela bateu no crucifixo atrás do caixa.

– Delegada, por favor, isto é uma obra de arte. Uma relíquia e trata-se ainda de nosso senhor. Cuidado com o Cristo! –disse o jesuíta, branco igual a uma cera e gaguejando.

Aliás, o alerta foi um esganiçar-se de tal sorte que fez com que a delegada insistisse em bater várias vezes no crucifixo, até que uma porta se abriu...

E a porta rangeu...

Tudo escuro lá dentro e, de arma em punho, com a lanterna presa em sua pistola, entrou no túnel oferecido pela porta atrás do crucifixo e já ligou para que Bia e Samantha a acobertassem.

– Delegada, chegamos! – disse Bia, com os olhos vermelhos de tanto chorar pela situação de saúde em que estava seu grande amor, o delegado Paul.

– Oi, Bia, estou caminhando em um túnel...

– Estou sabendo, doutora. O jesuíta já me falou... a investigadora Samantha já está entrando no túnel atrás da senhora. Ela lhe alcançará em alguns segundos...

– Ok, já estou descendo uma escada... nossa! O que é isto? Quantos buracos na parede e... caixas de... claro... de dinheiro...!!!! Meu Deus, quanto dinheiro!!!!

Ao avistar Samantha, a delegada Raquel pediu reforços para que pudessem retirar aquela quantidade surpreendente de caixas de café, onde estava armazenado muito dinheiro.

– Ah, Samantha, não esquece de pedir à equipe que traga alguém para filmar isto tudo... para depois não dizer que é prova plantada ou que ficamos com dinheiro que não nos pertence. Para acusar a polícia, são dois palitos!

CAPÍTULO XVI

– Eu quero justiça! – disse a mãe judia do delegado Paul, ao entrar toda nervosa na sala do chefe Abraão.

– Quero que matem o filho da puta do bandido Luis... não quero que ele tenha o fígado do meu filho depois de tudo que aconteceu. Não autorizei e nem vou autorizar o desligamento dos aparelhos. Ainda acredito que meu filho se recupere.

– Calma, dona Ester. Se acalme, por favor! – disse Abraão, fazendo sinal para que ela se sentasse no sofá de sua elegante sala, montada com dinheiro próprio.

Ao leitor distraído ou que nunca teve a chance de visitar uma delegacia de polícia, nem pense naqueles filmes que você costuma assistir nos canais pago. Aqui é Brasil e a realidade de nossa polícia é outra! Pense como quiser... e tire suas próprias conclusões, mas, quando o bandido te assalta, é a polícia quem você procura. Então pense em valorizar!

– Eu quero que este Luis seja enforcado, morto, sei lá! Meu filho está praticamente morto por culpa destes... desgraçados. Bandidos malditos que deveriam ser mortos quando do primeiro crime cometido. Não admito que ele receba um fígado, que entre na fila de transplante.

– Aliás, já fui falar com o diretor do hospital.

– Além de não autorizar que desliguem os aparelhos que mantêm meu filho vivo, não admito que este filho da puta desgraçado do Luis receba um fígado e tenha sua vida salva. Ele deve morrer!

– Só vou enterrar meu filho quando este maldito estiver morto!

– Calma, dona Ester. Não consigo imaginar o que a senhora esteja passando, mas ficar nervosa não vai trazer o delegado Paul de volta!

– De volta? Eu não vou desligar os aparelhos enquanto tiver esperança... um fio... não é natural uma mãe enterrar seu filho... exijo Justiça!

E parece que a palavra “Justiça” tem uma definição bem ampla.

No que consiste a Justiça, caro leitor? Na morte de Luis, já que seu comparsa Geraldo estava morto? Luis não merecia a chance de receber um figado novo e pagar pelos seus erros, através de um julgamento justo? Quem tem o direito de escolher o seu castigo? O júri ou a vítima? Sabe quanto custa um preso no presídio e quem paga esta conta?

Ponha-se no lugar da mãe do delegado Paul e responda, com sinceridade, a esta pergunta. Não precisa me contar, até porque minha definição de Justiça decorre da interpretação legislativa. E a sua?

CAPÍTULO XVII

Justiça... apenas pense sobre ela! Feche o livro e amanhã continue sua leitura...

CAPÍTULO XVIII

A cafeteria ficou fechada por dias, até que todo o dinheiro fosse removido e os jesuítas ouvidos em delegacia.

Mas, ao contrário do que deveria ser, a cafeteria voltou a funcionar e, por ter sido cena de um crime e de um escândalo financeiro, passaram a ser disputadíssimas as mesas, com mais filas de espera.

Se o lugar era badalado pelas pessoas com situação financeira mais estável, passou a ser um point da moçada que gostava de fazer parte de cenas de crime, o que fez a cafeteria estender seu horário de expediente e fechar um pouco mais tarde.

Apesar da morte do Padre Beto, a cafeteria estava bombando!

CAPÍTULO XIX

– Luis, bom dia – entrou a doula Bruna no seu quarto do hospital. – A delegada Raquel quer lhe falar. Posso deixar ela entrar?

Raquel, ignorando a tal Bruna, entrou no quarto sem aguardar a resposta de Luis ou autorização para entrar.

– Luis, meu nome é delegada Raquel e vim com minha equipe para colher seu depoimento. Você está pronto para falar?

Luis se sentia fraco, sem forças, mas, naquela altura do campeonato, tanto faz, como tanto fez, e acenou positivo com a cabeça.

E lá estava a equipe, pronta para colher seu depoimento, quando então Luis olhou para todos à sua volta, sorriu e faleceu.

Simplesmente assim.

CAPÍTULO XX

– Pobre rapaz! – disse Bruna em voz alta. – Nem deu tempo de conversarmos direito.

Raquel então disse que lhe colheria o depoimento e intimou, naquele momento, a doula Bruna, sem se preocupar com qualquer formalidade e dando as costas para o morto, indiferente ao seu corpo, ali, inerte, na cama do hospital.

CAPÍTULO XXI

Bruna, na verdade, estava protegida pelo sigilo da profissão e permaneceu calada em seu depoimento, afirmando que só diria em juízo, em que pese a insistência da delegada Raquel.

– Que merda! Temos um colega morrendo e você quer se passar pelo quê? – esbravejou Raquel.

– Doutora Raquel – entrou a investigadora Samantha em sua sala – , o Dr. Abraão está lhe chamando na sala dele.

– Ok, Samantha, fique com a Bruna aqui até eu voltar. E faz esta mulher falar... – disse a delegada em voz alta, sem a menor preocupação em a delegacia inteira ouvir...

E, com passos apressados, entrou na sala do Dr. Abraão, que estava com um jesuíta na sala, pálido, todo arranhado e pronto para revelar um segredo envolvendo a cafeteria.

A delegada chamou sua equipe e esqueceu Bruna na recepção da delegacia, sem a liberar para voltar para casa.

Quando a equipe estava pronta para colher o depoimento de Pablo, o jesuíta, Antonio entra na sala.

– Pessoal, nosso amigo e colega delegado Paul partiu! Seus órgãos já estão sendo removidos para que possamos velar seu corpo daqui a pouco.

– Mas que merda! – gritou Raquel.

Bia, a investigadora apaixonada pelo delegado Paul, se desesperou e a equipe, pela primeira vez, precisou amparar uma das mulheres mais corajosas da polícia, que subia em morro, enfrentava bandido, com uma inteligência fora do normal para desvendar crimes.

Bia se desmilinguiou! Suas pernas bambearam e ela sentiu seu corpo estremecer, e só não foi ao chão porque o perito Norberto chegou no exato momento em que ela sentiu suas vistas escurecerem e se apoiou no amigo, como se este pressentisse o que estaria por vir.

Enquanto isso, o jesuíta Pablo assistia àquela cena, acreditando que a providência divina lhe estava dando um sinal para ficar calado e, ao se deparar com a equipe de polícia acudindo a investigadora, saiu de fininho, para nunca mais ser visto, nem no mosteiro e muito menos na cafeteria.

Procurado, o jesuíta Pablo só foi encontrado, sem vida, alguns meses depois, boiando em uma das mais belas praias de Ilha Bela, com características de afogamento, para quem se arriscou a um banho de mar, após ingerir uma quantidade significativa de vinho do porto.

E assim permaneceu o mistério da cafeteria. Uma morte que não foi matada, com todas as características de assassinato para encobrir um suicídio, sem que ninguém, absolutamente nenhum outro jesuíta, tivesse vontade de dizer algo que interessasse à polícia.

Se o caso foi encerrado, perdeu-se um colega, assim como muitos outros policiais são mortos e seus culpados continuam por aí, até fazerem uma nova vítima!

E, se você não gostou deste conto, sinto muito!

FIM